

# AUTISMO E FAMÍLIA: O IMPACTO DA REVELAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

COLLA, Vanessa<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo propõe uma abordagem bibliográfica sobre o Autismo, ou TEA – Transtorno do Espectro Autista, como também, como as relações familiares são impactadas ao receber o diagnóstico de autismo. Convém dizer que, autismo é uma condição neurológica em que o indivíduo apresenta dificuldades na interação, no comportamento social, nos processos de comunicação e no desenvolvimento da linguagem. Em alguns casos pode ser diagnosticado quando ainda é bebê ou criança, dependendo do grau de comprometimento e, pode ser percebido pelos próprios familiares ou outras pessoas. Na maioria das vezes, o momento da revelação do diagnóstico de autismo para as famílias pode causar sofrimento e dor, aceitação ou não da criança como autista. Sendo assim, necessita-se um pensar diferenciado sobre como essa informação é repassada e como a revelação do diagnóstico de autismo pode afetar as relações familiares? Para tanto, foi realizada pesquisa do tipo bibliográfica, tendo por base autores, obras científicas, legislação e outros documentos, como por exemplo, APA (DSM-5 2014), CUNHA (2012), BRASIL, (2014), MAYRINK (2001), AVELAR (2001), MOAB (2009), entre outros. Objetiva-se com este trabalho, analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares. São objetivos específicos: Conceituar sobre o Transtorno do Espectro Autista; Explanar brevemente sobre a legislação acerca de Autismo; Compreender como as relações familiares são afetadas ao receber o diagnóstico de autismo.

**Palavras-chave:** Autismo. Família. Diagnóstico.

## INTRODUÇÃO

O autismo também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma síndrome que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico da criança, assim apresentando dificuldades em aspectos relacionados à cognição, a linguagem e a interação social.

Sabe-se que, o autismo ocorre mais em meninos do que meninas, podendo ser diagnosticado em diferentes fases da vida, dependendo do grau de comprometimento do indivíduo, assim, as alterações já podem ser observadas desde bebê, às vezes pela própria família.

---

<sup>1</sup> Graduação em licenciatura em Pedagogia e Artes. Especialização em Educação Especial, Docência do Ensino Superior, Psicomotricidade e Autismo. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino, Ampére-PR. e-mail: [colla\\_vanessa@hotmail.com](mailto:colla_vanessa@hotmail.com)

Diante disso, o presente artigo tem como tema: o impacto da revelação de autismo para a família. O interesse por este assunto se deu em decorrência de trabalhar com Educação Infantil, e assim ter um olhar atento para crianças com TEA, bem como, por ter sido docente de crianças com autismo e ter vivenciado diferentes impactos enfrentados pelos familiares ao receber o diagnóstico de autismo.

Sendo assim, tem-se como questionamento: como a revelação do diagnóstico de autismo pode afetar as relações familiares? Para tentar responder, essa pesquisa será realizada de forma bibliográfica, em livros, artigos científicos, Leis e Decretos, sites e outras fontes, visando compreender e aprofundar estudos sobre o autismo e a família.

Nestas condições, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares. São objetivos específicos: Conceituar sobre o Transtorno do Espectro Autista; Explanar brevemente sobre a legislação acerca de Autismo; Ponderar sobre como os pais reagem ao receber a notícia de que o filho é autista; Compreender como as relações familiares são afetadas ao receber o diagnóstico de autismo.

## **AUTISMO: CONCEITUAÇÃO E COMENTÁRIOS**

O Transtorno do Espectro Autista é uma desordem do neurodesenvolvimento que afeta, de diferentes formas, a capacidade da pessoa em se comunicar e estabelecer relacionamentos. Vale dizer que, exames clínicos não demonstram, sendo difícil o diagnóstico precoce.

A palavra “autismo” foi criada por Eugene Bleuler, em 1911, para descrever um sintoma da esquizofrenia, que definiu como “fuga da realidade”. Dessa forma, Bleuler apud Rogers e Dawson (2010, p.10) propõe uma “ausência da realidade”, com o mundo exterior, conseqüentemente, impedimento e impossibilidade de comunicar-se com o mundo, demonstrando atos de um proceder reservado.

Enquanto que para Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”, pois as crianças que foram observadas demonstravam características de isolamento, no que passavam a impressão que elas eram presas a si mesmas.

As manifestações comportamentais que definem o autismo incluem os déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados em um repertório restrito de interesses e atividades, porém varia de criança para criança o grau de habilidades sociais e de comunicação, tendo os padrões de comportamentos que ocorrem no TEA- Transtorno do Espectro Autista.

Assim sendo Azevedo (2009, p.12) comenta que crianças que apresentam essa síndrome são diferentes de seus pares:

Nas interações sociais, não tomando iniciativas; possuem limitado contato visual, não compartilham emoções, não atendem quando são chamadas; também, na comunicação, utilizam poucos gestos; o comportamento motor e sensorial é pouco utilizado, não mostrando sensibilidades ou alguma preferência.

A família deve estar atenta e informada para perceber os primeiros sinais de Autismo, para que essa criança seja tratada precocemente, como se sabe quanto mais cedo se inicia o tratamento e os estímulos, melhor será o desenvolvimento da criança autista.

O autismo é definido pelo CID.10 (2000), o qual define os transtornos globais do desenvolvimento, caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes dos três anos de idade, apresentando perturbações na interação social, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo.

A quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais está classificado no DSM-V/APA, 2014, que propõe a Classificação do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), substituído a definição de Transtornos Globais do desenvolvimento, denominada pelo DSM IV (APA, 2003).

Deste modo, entre as características pode-se citar que o comportamento das crianças autistas está relacionado através de atos repetitivos, e a grande maioria quando falava apresentava hábitos ou manias e utilizava-se da terceira pessoa no lugar da primeira.

Também demoram pra fazer aceitação de um lugar até mesmo pra aceitar mudanças no ambiente, e preferem objetos que não tem vida própria, que não se movem. A denominação autista se refere aos comportamentos e característicos de isolamento e afastamento, e auto estimulação, que está diretamente ligado ao que ela gosta ou costuma brincar (ORRÚ, 2012).

Podemos verificar no manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) sobre o que é o autismo, caracterizado por alguma perda de comportamentos que são coligados em três grupos fundamentais que são; o comprometimento da interação social; o comprometimento da comunicação; e os padrões restrito, repetitivos e estereotipados de comportamento.

Dessa maneira, “são estranhos comportamentos de crianças que perdem a fala, param de andar, são incapazes de olhar as pessoas e isolam-se, cada vez mais, num mundo misterioso e impenetrável – o mundo do autismo” (MAYRINK, 2001, p.36). Esse mundo misterioso coloca-nos diante de muitas incertezas, mas também de muitas alegrias.

### **AUTISMO: BREVE EXPLANAÇÃO ACERCA DA LEGISLAÇÃO**

Os direitos das pessoas autistas foram formalizados por meio da Lei n.º 12.764/12, conhecida também como Lei Berenice Piana, que foi colocada em vigor no ano de 2013 e institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (NEUROCONNECTA, 2019).

Essa medida tomada pelo Brasil tende aumentar a proteção social, bem como a superação dos obstáculos desses indivíduos para que possam, com autonomia, participar da sociedade. Mesmo o TEA sendo um fenômeno complexo, não tendo uma causa conhecida, carece de pesquisas em relação ao seu prognóstico, devido à forma que se manifesta em cada pessoa.

Sabe-se ainda que a Lei nº 12.764/12 permite as famílias dos autistas reivindicarem serviços para a garantia de seus direitos como pessoas e cidadãos que vivem em sociedade.

Ainda de acordo com a Lei Berenice Piana em paralelo com o Decreto Nº 8.638/2014, o autista tem direito ao acesso e a educação inclusiva, pois,

Art. 4º É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo, garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior (BRASIL, 2014).

Assim sendo, o aluno com TEA tem direito de estar matriculado e frequentar a rede regular de ensino, em um sistema de inclusão, desde a educação infantil até o ensino superior.

Em muitas situações com alunos autistas, faz-se necessário contar com acompanhante para auxiliar essa criança na realização das mais variadas atividades, desde cuidados pessoais até comunicação e alimentação, isso tudo está garantido por no Decreto Nº 8.638/2014:

Art. 4º § 2º Caso seja comprovada a necessidade de apoio às atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais, a instituição de ensino em que a pessoa com transtorno do espectro autista ou com outra deficiência estiver matriculada disponibilizará acompanhante especializado no contexto escolar (BRASIL, 2014).

Com relação à aprendizagem das crianças diagnosticadas com autismo, Carothers e Taylor (2004) comentam que esta deve ser voltada para a independência, segurança nas tarefas e melhoria da qualidade de vida pessoal e da família. Compreende-se que a família e a escola são fundamentais para a criança autista, sendo que sempre surgem necessidades, por ser um processo lento, suas rotinas devem ser levadas em conta, de forma natural.

Cada técnica deve ser aplicada para “reabilitar” a criança autista, principalmente quando é iniciado precocemente. Assim, são inúmeras as estratégias e práticas que podem ser utilizados no tratamento de autistas, levando em consideração cada caso.

Sendo assim Mello (2007, p.28) comenta que “é possível que nas escolas existam casos em que as crianças com autismo são rotuladas como indisciplinadas, desorganizadas, sem limites, lentas, devido as suas dificuldades e diferenças”. Dentro deste contexto, os professores e a escola devem estar atentos ao desenvolvimento das crianças, e ao perceber qualquer anormalidade ou algo diferente encaminhar essa criança para a área especializada, para que sejam diagnosticadas possíveis alterações.

O objetivo da educação de uma criança com autismo é diminuir a presença da pessoa que lhe ajuda, assim aumentando a sua independência, para que assim ela faça suas tarefas com mais confiança, além de melhorar a qualidade de vida das pessoas que convivem ao seu redor.

Existem dois ambientes que lhe proporcionam aprendizado que são na escola na qual Jerusalinsky (2004) relata que a criança na escola se torna uma terapia para si, pois é um lugar de conhecimento e também um lugar que a criança deve frequentar, e em casa, e que nestes ambientes são ensinadas habilidades no decorrer do dia. Fazer tarefas simples como comer, ir ao banheiro, escovar os dentes fazem diferença na qualidade de vida do indivíduo, por isto é de suma importância que os pais trabalhem a independência do seu filho.

Sendo assim, os pais têm uma função muito importante no ensino aprendizagem dos seus filhos, pois ele são responsáveis por ampla parte da aprendizagem do mesmo, na qual é importante que tenha o incentivo ao convívio social.

### **AUTISMO: OS IMPACTOS DA REVELAÇÃO PARA A FAMÍLIA**

Ao constituir uma família, muitos casais pensam em ter filhos, em gerar “frutos do amor”, em aumentar a família. Sendo assim, boa parte destes casais, planeja cuidadosamente quando isso irá acontecer, prevê todos os detalhes, desde a gestação até o nascimento da criança.

Ao saber qual sexo escolhem o nome, decoram o quarto, compram acessórios, roupas, presentes, brinquedos, fazem festa, enfim organizam todos os preparativos para a chegada do bebê. Assim, “se enfeita a porta do quarto com as cores da boa nova – bonequinhos rosa para as meninas, carrinhos azuis para os meninos” (MAYRINK, 2001, p.14).

Finalmente, ao chegar o grande dia, o bebê nasce. Traz alegria para os familiares, mas principalmente, para os pais que aguardavam ansiosos. Em um misto de sentimentos de alegria e emoção essa criança é recebida calorosamente no seio familiar.

Ainda na sala de parto, os pais logo querem saber se “a criança é normal”, questionando ao médico ou pediatra. Quando tudo está bem, torna-se fácil responder, porém quando nota-se algo suspeito há certo silêncio no ar (MAYRINK, 2001). Vale dizer, que nem todos os profissionais sabem como enfrentar esse momento delicado, salvo alguns que se preparam para isso.

De acordo com o autor, a equipe médica necessita saber comunicar a família, pois “aí que vem o golpe, se ele não sabe comunicar a notícia com palavras corretas

e no momento exato, preparando pai e mãe para recebê-la sem aflição e desespero, apesar do sofrimento que a surpresa carrega [...]” (MAYRINK, 2001, p.14).

Muitas vezes alguns profissionais da saúde não têm cuidado com a maneira que comunicam a família e isso pode acabar tornando a situação mais complicada, até traumatizante de certa forma, pois não se sabe ao certo qual o diagnóstico informar. E os pais que imaginavam que tudo seria maravilhoso, se deparam com a notícia que seu filho tem algo, e assim,

A tempestade começa na maternidade, quando o problema é evidente e permite chegar a um diagnóstico imediato. Mas, na grande maioria dos casos, é somente meses e até anos depois que surge ou se identifica a excepcionalidade – grave ou leve – de uma criança que até aí tinha um desenvolvimento aparentemente normal. Quando o especialista descobre, quase sempre depois de uma interminável peregrinação dos pais pelos consultórios, o impacto não é menor (MAYRINK, 2001, p.15).

Ou ainda com o passar do tempo, criam-se expectativas para a criança, e percebe-se que muitas delas são estão acontecendo. Os pais que sonhavam com uma criança “perfeita”, aos poucos percebem que algo não está normal, que o desenvolvimento do filho não condiz com as características que apresenta.

Às vezes as dificuldades de interação, comunicação e socialização são percebidas pela própria família, contudo, em outros casos, são apenas percebidos na escola ao apresentar dificuldades de aprendizado, ou seja, depende de cada caso (MAYRINK, 2001).

Então após muitas situações e inquietações, as famílias decidem buscar por especialistas na área da saúde, seja por vontade própria ou por indicação de outras pessoas, para tentar encontrar respostas e/ou soluções.

Assim, conforme relato da autora “A partir daí, começamos uma verdadeira maratona em médicos, exames, leituras, conversas com profissionais, e tudo o que se podia imaginar (inclusive benzedeadas e curandeiros)” (AVELAR, 2001, p.20-21).

Deste modo, através de consultas, exames, entrevistas e observação da criança feita por uma equipe de especialistas, chegam-se ao possível diagnóstico que a criança é Autista.

Neste momento, a partir das leituras realizadas e fatos vivenciados por pessoas do convívio, pode-se dizer que muitos pais ao saber que seu filho tem Autismo, veem seus sonhos e expectativas de vida mudando por completo, é como se “desmoronasse o mundo”.

No livro “Autismo e Família: uma pequena grande história de amor” a autora Maria Stela de Figueiredo Avelar faz um relato da sua experiência como mãe de autista. Conta como foi desde a gestação, a chegada do bebê, o choro ininterrupto, a falta de contato visual, sobre a rotina diária, descreve sobre os especialistas: pediatra, neuropediatra, etc., fala como foi o diagnóstico, as terapias, os avanços e regressos, em suma, conta todos os anseios e sentimentos de uma mãe de criança autista.

Em certo momento do livro, Avelar descreve que ao sair da maternidade,

Voltamos para casa no dia seguinte, muito orgulhosos com aquele "pacotinho" nos braços. Mal sabíamos que a partir daí todos os nossos planos e expectativas começariam a desmoronar, tendo de ser substituídos por outros completamente diferentes. Também não podíamos imaginar que iniciáramos um grande aprendizado de vida e que estávamos dando os primeiros passos no caminho da verdadeira felicidade (AVELAR, 2001, p.14).

Este relato descreve as emoções vivenciadas por uma mãe ao saber que tem um filho autista, as mudanças de planos e desejos se alteram drasticamente, tendo que ser substituídos por outros diferentes voltados para a nova realidade familiar. Mas também, isso tudo como fala a autora traz grande aprendizado de vida em busca da verdadeira felicidade.

Por vezes, algumas famílias não demonstram interesse na criança autista, não comparecem às consultas, não medicam na hora correta, não comparecem na escola, o desinteresse é constante. Para uma família que encontra limitações, sejam elas menores que forem, nesta nova fase, causa medo e frustrações, pois ser pai e mãe é como embarcar em uma viagem não sabendo o que lhe aguarda (BUSCAGLIA, 2006).

Diante do exposto,

O início do convívio com uma criança autista coloca a família diante de uma realidade que ainda lhe é desconhecida, e que só deixará de sê-la quando esta for capaz de entrar em contato consigo própria; o que significa a aceitação das situações então estabelecidas. É nesse momento que a família se depara com seus próprios preconceitos, que poderão caminhar para a rejeição ou para a aceitação do autismo. Poder aceitar é enxergar a realidade, sendo esse o ponto de partida que possibilitará a criação de instrumentos capazes de interferir e, assim, até modificar a realidade. Do contrário, ficará sempre adiado o contato com o autismo, por ser este por demais doloroso (BRASIL, 2000, p.12).

Em outras palavras, pode-se dizer que é possível se deparar com ambos os casos, podem haver pais que já no primeiro instante ao saber que seu filho é autista, decidem aceitar e procurar por ajuda. Enquanto que para outros pais, isso tornasse doloroso e difícil demais.

Convém mencionar que, geralmente alguns pais não aceitam com facilidade o diagnóstico de autismo para seu filho, assim buscam por outros especialistas no anseio de receber diferentes diagnósticos. Ao mesmo tempo em que procuram por novas respostas, acabam culpando-se um ao outro. Segundo Mayrink,

O choque depende de quem informa, mas de qualquer maneira se coloca em jogo a personalidade dos pais. Alguns não reagem, simplesmente entram em parafuso. É um estresse que quebra o equilíbrio psíquico dos pais. A notícia frequentemente desencadeia doenças e, em outros casos, balança o vínculo familiar. Se o casal já não vive bem, marido e mulher começam a culpar-se um ao outro (MAYRINK, 2001, p.16).

Assim, em alguns casos além de enfrentar a situação da criança, os pais entram num estado de estresse muito grande, que tornam difíceis as relações de vínculo familiar. Dependendo de como estava o relacionamento entre casal podem tentar colocar a culpa no outro – como se existisse culpados.

Nestas condições, a chegada de uma criança excepcional, seja qual for o caso, muda a vida dos pais e, muitos não suportam, e sucumbem (MAYRINK, 2001). Alguns se distanciam, separam, outros provocam tragédias.

Contudo vale ressaltar que nem todos os pais entram em desespero, aliás, no início podem até entrarem em crise, choram, passam por um período de sofrimento, mas aos poucos retomam as forças e lutam pelo filho em busca de novos caminhos. Assim sendo,

O mais freqüente é os pais entrarem em crise de sofrimento e lágrimas, para mais tarde recobrar as forças e, sempre buscando novos caminhos, recompor-se. Assumem o filho excepcional e lutam desesperadamente por eles, como vão mostrar dezenas de testemunhos. Além disso, passam a encarar o mundo com outros olhos. Tornam-se mais solidários, compreendem melhor as pessoas. Também eles, os pais, são diferentes e excepcionais (MAYRINK, 2001, p.17).

Como visto, esses pais que assumem seus filhos excepcionais e lutam desesperadamente por eles, também podem ser considerados “diferentes e

excepcionais”, pois decidiram enfrentar com todas as suas forças a situação, sempre buscando novos caminhos.

Do mesmo modo, como esses pais guerreiros já passaram por tanto sofrimento, eles tornam-se mais solidários, passam a compreender melhor as pessoas e ajudar também a outros pais que precisam de apoio e suporte, ou mesmo de uma simples conversa.

Cabe a cada família escolher fontes de ajuda para amenizar e colaborar com o bem estar de todos (MOAB, 2009). Aos poucos com algumas adaptações na rotina familiar a convivência entre os membros (pai, mãe, irmãos) vai melhorando, a realidade vai sendo modificada conforme as necessidades.

Por vezes, os pais de autistas se unem em alguma associação ou até um espaço improvisado para trocar experiências, conversar com outros pais e mães de filhos especiais. Diante disso, podem desabafar, falar de suas angústias ou contar suas vitórias e conquistas com seus filhos.

Sobre isso, na Cartilha Autismo: Orientação para Pais encontra-se o seguinte relato,

Nosso papel como pais é muito difícil, pois o filho que um dia pensamos ter, não se desenvolveu como os filhos de nossos amigos, de nossos vizinhos. Tivemos que reescrever nosso projeto de vida a partir de uma realidade da qual nada conhecíamos. Mas é tateando aqui e ali que podemos tornar possível uma vida melhor. Muitos acertos, muitos erros. E é preciso ter coragem e perseverança para mudar daquilo que conhecemos para aquilo que sonhamos (BRASIL, 2000, p.07).

A partir disso, os pais de autistas passam por períodos muito difíceis, desde a aceitação e também por toda a vida dependendo do caso. Ao criar expectativas e perceber que seu filho muitas vezes não consegue realizá-las, portanto, é preciso ter coragem para ir modificando também os sonhos e expectativas. Podem ocorrer erros e acertos pelo caminho, mas deve haver perseverança.

Por isso, que esses pais lutadores e confiantes “Em sua força e em sua fragilidade – anjos de barro – essas pessoas são exemplos comoventes de coragem, compreensão e bondade” (MAYRINK, 2001, p.21). Como visto, o autor utiliza a expressão anjos de barro para falar sobre os pais que são exemplos de coragem e vida.

Convém mencionar que tanto Avelar (2001) como Mayrink (2001) concordam ao mencionar que carinho e afeto são fundamentais na vida de crianças com alguma dificuldade ou excepcional. Avelar ainda complementa, dizendo ser preciso substituir a auto-agressividade por carinho.

A mãe e autora Avelar (2001) menciona que seu filho autista é um presente que receberam de Deus, por isso em suas orações agradece por tamanha benção, ela assim relata:

Agradeço a Ele, por nos ter confiado um presente tão maravilhoso - Jonas -, numa época em que não éramos merecedores de tamanha riqueza. Ele tem sido uma fonte inesgotável de aprendizado, levando-nos, cada momento, à compreensão da Sua grandeza (AVELAR, 2001, p.101).

Conforme visto, essa mãe é grata pelo filho autista que tem, pois com ele tem aprendido todos os dias, em coisas simples da vida, e isso só foi possível a partir do momento que compreendeu que mesmo não merecendo (como ela diz) receberam um presente, uma riqueza.

Para conseguir compreender essa grandeza, Avelar (2001) relata que não foi nada fácil, aliás, vivenciaram momentos de muita angústia e desespero. Mas aos poucos compreendeu que o que importava era fazer seus filhos felizes, assim tornou-se também mais feliz.

Nestas condições, é necessário ver os autistas com outro olhar, aprender a enxergar “o lado mágico e puro desses seres encantadores, para quem o passado já passou, o futuro está distante, o presente está sendo vivido intensamente, e eles estão nos convidando a todo instante para vivê-lo também!” (AVELAR, 2001, p.43).

Conforme visto, para a maioria dos autistas apenas importa o presente, o momento que está sendo vivido intensamente, sem outras preocupações com o que já passou ou está por vir. “Porque as coisas mais simples são as mais bonitas” (AVELAR, 2001, p.100).

Convém mencionar que o respeito às diferenças é essencial em todo e qualquer lugar. Trata-se de respeitar o autista conforme seu modo de ser e viver, acolhendo-o, integrando-o na família e sociedade. Pois,

[...] poderemos construir uma vida significativa se nos dispusermos a entrar em contato com os autistas, porque aprenderemos que todo e qualquer relacionamento se baseia no respeito às diferenças, e não na transformação do outro naquilo que ele nunca poderá ser. Aprenderemos a amar os

autistas pelo fato deles terem sido escolhidos a vir e a permanecer nesse mundo, ao nosso lado (BRASIL, 2000, p.15).

Dessa forma, pode-se dizer que para aceitar, acolher e amar um autista, primeiramente é necessário respeitá-lo do que jeito que ele é, sem tentar transformá-lo naquilo que não poderá ser ou fazer. E assim, aprender a amar os autistas, pois mesmo vivendo “num mundo só deles”, ele fazem parte do nosso mundo, da nossa vida.

Por fim, pretende-se deixar a seguinte mensagem de Jim Sinclair (autista) – *Não chorem por nós* – Discurso na Conferência Internacional de Autismo, Toronto, 1993:

“Não se perde uma criança para o Autismo. Perde-se uma criança porque a que se esperou nunca chegou a existir. Isso não é culpa da criança autista que, realmente, existe e não deve ser o nosso fardo. Nós precisamos e merecemos famílias que possam nos ver e nos valorizar por nós mesmos, e não famílias que têm uma visão obscurecida sobre nós por fantasmas de uma criança que nunca viveu. Chore por seus próprios sonhos perdidos se você precisa. Mas não chore por nós. Estamos vivos. Somos reais. Estamos aqui esperando por você.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das leituras e dos resultados obtidos neste trabalho pôde-se compreender que a revelação do diagnóstico de Autismo ocasiona importantes repercussões no contexto familiar, especialmente no que diz respeito às relações entre os familiares.

Tem a expectativa do filho tão esperado como frustrada ao receber a notícia que se trata de um autista, sendo, no início de difícil aceitação, especialmente por parte dos familiares paternos, os quais muitas vezes se distanciam do convívio familiar, causando sofrimento e inquietação.

Em alguns dos relatos lidos ou mencionados nessa pesquisa, foi possível perceber que na maioria dos casos a figura materna é quem mais sofre e se angústia com a chegada de um filho autista, mas ao mesmo tempo, geralmente é também quem mais luta e ama a criança. Necessitando, portanto, de apoio incondicional.

Nesta circunstância, o processo de aceitação do diagnóstico, especificamente por parte dos pais, é difícil, assim se percebe a importância da necessidade de um melhor apoio, atenção e orientação por parte do profissional que noticiará a descoberta do autismo.

Pois então, vale mencionar que este trabalho, pode sugerir ainda outras possibilidades de pesquisas sobre o Autismo e as relações familiares, isto é, visando o aprimoramento ou a sequência do mesmo.

## REFERÊNCIAS

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5** / [American Psychiatric Association, tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... [et al.]. 5ª ed.- Porto Alegre: Artmed, 2014.

AVELAR, Maria S. de Figueiredo. **Autismo e Família: uma pequena grande história de amor**. Ilustrações de Henrique Cassab Sasajima. - Bauru, SP: EDUSC, 2001.

AZEVEDO, F. C. **Transtorno do Espectro do Autismo e Psicanálise**. Curitiba, Juruá, 2009.

BRASIL. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**, Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm) acesso em: 17/01/2019.

BRASIL. **Decreto Nº 8.638, de 2 de dezembro de 2014**, Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm) acesso em: 28/01/2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Autismo: orientação para os pais / Casa do Autista** - Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_14.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf) acesso em: 26/01/2020.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CAROTHERS, D. E. ; TAYLOR, R. L. **Como Pais e Educadores podem Trabalhar Juntos para Ensinar Habilidades Básicas de Vida Diária para Crianças com Autismo**. 2004. Disponível em: [http://www.ama.org.br/html/apre\\_arti.php?cod=64](http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64). Acesso em: 22/01/2020.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, Ed. 2012.

JERUSALINSKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. 3 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

MAYRINK, José Maria. **Anjos de Barro**. Impresso no Brasil: Geração Editorial, 2001.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**: guia prático / Ana Maria S. Ros de Mello; colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. . \_\_ 7.ed. \_\_ São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MOAB, Movimento Orgulho Autista Brasil. **Ele é Autista... O que eu faço?** Cartilha para pais e profissionais da pessoa autista. Brasília – DF, 2009. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/AUTISMO-ELE-%C3%89-AUTISTA-O-QUE-EU-FA%C3%87O.pdf> acesso em: 27/01/2020.

NEUROCONNECTA. **Quais Direitos da Pessoa com Autismo?** 2017. Disponível em: <https://neuro-conecta.com.br/quais-direitos-da-pessoa-com-autismo/>. Acesso em: 21 de out. de 2020.

OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10**. Organização Mundial da Saúde. Décima Revisão, Volume I, São Paulo: Universidade de São Paulo: 2008. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm> acesso em: 18/01/2020.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ROGER J., S.; DAWSON, G. **Intervenção Precoce em Criança com Autismo**: Modelo Denver para a Promoção da Linguagem, da Aprendizagem e da Socialização. Lisboa: Lidel, 2010.

SINCLAIR, Jim. **Não chore por nós...** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/acrosticos/3265795> acesso em: 28/01/2020.